




“VIDAS AMEAÇADAS”: UM OLHAR PARA AS INFÂNCIAS E JUVENTUDES PRECARIZADAS, AMEAÇADAS, INSEGURAS – ENTREVISTA COM MIGUEL ARROYO

“THREATENED LIVES”: A LOOK AT PRECARIOUS, THREATENED, INSECURE CHILDHOODS AND YOUTH – INTERVIEW WITH MIGUEL ARROYO

Lucas Ávila 1

Magali Reis 2

Resumo: Entrevista realizada via Zoom, no dia 16 de agosto de 2021, na estreia do canal no Youtube da recém-formalizada Rede Emili@. A Rede Ibero-Americana de Pesquisas Interdisciplinares sobre Infâncias e Juventudes, denominada Rede Emília, reúne docentes da Argentina, México, Espanha, Portugal, além de universidades brasileiras públicas, federais, estaduais, confessionais e comunitárias. A rede de pesquisas realiza estudos compartilhados sobre as temáticas da infância e da juventude e organiza eventos e publicações, a fim de subsidiar as políticas públicas na estruturação de projetos e programas que visem atender os direitos fundamentais das crianças e jovens. O entrevistado é Miguel Arroyo, uma das grandes referências em educação do nosso País. Miguel Arroyo, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1970), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974) e doutorado (PhD em Educação) Stanford University (1976). É professor titular emérito da Faculdade de Educação da UFMG.

-
- 1 Mestre em Educação (PUCMinas), licenciatura em Geografia (UFMG), bacharel em Jornalismo (Uni-BH), especialista em Artes Plásticas e Contemporaneidade (UFMG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2197166318103310>. E-mail: astronautacomunicacao@gmail.com
 - 2 Doutora em Educação (UNICAMP), docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7283350243518221>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6741-1638>. E-mail: magali.reis33@gmail.com
- 

Lucas: O livro “Vidas Ameaçadas” fala da necessidade de os educadores estarem atentos às difíceis e complexas condições de vida de milhões de crianças e jovens brasileiros. O Sr. diz no livro que essa realidade não é nova, mas tem se tornado cada vez mais radical. Como as escolas e os profissionais da educação devem lidar com essa difícil realidade?

Miguel Arroyo: *Bom, pensar nas infâncias e adolescências da Iberoamérica. Como lidar com a realidade de que elas vivem vidas ameaçadas: reconhecê-la. Não tem sido fácil para os estudos da infância reconhecer que as infâncias vivem vidas ameaçadas. Este me parece ser o primeiro ponto, que eu insisti muito quando escrevi o livro “Vidas Ameaçadas”. Muita gente me pergunta se falava de vidas ameaçadas pelo coronavírus, mas não. Foi escrito antes, o lançamento já vai fazer dois anos [...] Eu lembrava sempre de uma frase de Walter Benjamin: “para os oprimidos, a opressão é permanente”. É regra, não um acidente. Se fala muito das vidas ameaçadas agora e que vai passar. Vai passar para quem? Nossa postura precisa ser a de reconhecer que a infância, a adolescência e a juventude latinoamericana popular sempre viveram em estado de vidas ameaçadas. Isso não faz parte dos estudos da infância, nem dos estudos da juventude. Quando estudamos a infância pensamos, simplesmente, que é um tempo bem vivido, de alegria, de cantar, que ninguém sofre. Eu tenho pensado que há dois tempos na vida em que mais se sofre: o tempo da infância e o tempo da velhice. São os tempos em que se chora, de maior abandono, de maior insegurança. Será que os estudos da infância têm priorizado esse olhar para infâncias precarizadas, ameaçadas, inseguras [...] Ou nossos estudos da infância têm evitado e pensado que isso é um acidente [...] Isso é errado. A criança chora porque está com fome, mas se dá mamadeira e pronto. A coisa é muito mais séria. O tempo da infância é um tempo de sofrimento. Essa seria uma pergunta para os estudos da infância: Que centralidade tem dado os estudos da infância para o sofrer da infância e por que sofrem; de que sofrem; quem as faz sofrer?*

Magali: Você escreve o livro “Imagens Quebradas” que rompe a ideia romântica de professor semeador do jardim da infância e criança promessa, que tem o professor como condutor da infância idílica; a sorrir; a cantar; como promessa de futuro. Com o rompimento dessa imagem, até hoje tão comum nas escolas brasileiras, qual seria o papel do professor nesse processo?

Miguel Arroyo: *Quando levava meus filhos, descia a Afonso Pena e esperava o sinal para virar na altura da estátua de Tiradentes. Sempre tinha uma menina negra de uns 8 anos carregando no colo uma irmãzinha de um ano e meio ou dois anos. E meus filhos que iam no carro, de professor que os levava para a escola, ficavam olhando, olhando [...] Uma vez, um dos meus filhos, com 7 anos, me perguntou: Pai, por que tem tantas crianças pobres? E por que são todas negras? Mas eu tenho certeza de que essa pergunta, quando chegou na escola, foi esquecida [...] devem ter cantado: “hoje é sexta-feira, dia de alegria! Cantemos felizes a canção do dia”. Não é isso que se canta? Essa é a visão. Meu filho, filho de professor universitário, pode cantar a canção do dia, mas e a sua pergunta sobre porque a menina é pobre [...] As crianças tomam consciência das injustiças muito mais cedo do que nós pensamos. Nós ocultamos isso. Mas a realidade latinoamericana é tão brutal que não tem como ocultá-la. Podemos julgar como miséria, jogar nas favelas, jogar para longe, quanto mais longe melhor para não incomodar. E se incomodar, nem nós vamos. Vão as unidades policiais pacificadoras, onde não existe paz, onde existe guerra. Essa é a visão que se tem. Essa é a realidade que se tem. Será que a imagem da infância não é contestada pela própria realidade vivida pelas infâncias? As infâncias interrogam a Pedagogia, sempre! Não é a Pedagogia que interroga a infância. É a infância que tem que se deixar interrogar pela Pedagogia. Carregamos Pedagogia, Pediatria. Carregamos o PED da infância, como constitutivo das identidades. Podemos inventar tudo o que quisermos: Pedagogia Psicossocial, Pedagogia Libertadora, mas nossa pedagogia nos carrega e temos que olhar na infância.*

Quando era secretário em Belo Horizonte, eram 300 escolas da prefeitura e a maior parte era dos pobres. Quando perguntava aos professores sobre a situação, após ter negado mais da metade do reajuste salarial que reclamaram em greve, eu achava que não estava bom, mas um professor respondeu que não era só isso: a imagem que tinha da infância era vidro e se quebrou. E uma outra professora completou: quando a imagem da infância se quebra, a nossa identidade docente

educadora se quebra. Aquilo me chocou muito! Foi quando escrevi o livro “Imagens Quebradas” e meu filho fez a capa com a imagem de uma menina quilombola negra brincando com uma boneca quebrada. Imagens quebradas da infância, que só tem direito de brincar com uma boneca quebrada para aprender que esse é seu destino. Aprende a brincar com sua realidade, suas vivências, com sua condição de infância quebrada. Isto é muito forte... Mas se coloco embaixo: trajetórias e tempos de alunos e mestres. As imagens que se quebram não são só dos alunos, mas dos próprios mestres, educadoras, educadores que se quebram. Isso acontece porque carregamos em nosso nome a infância. Isso interroga os cursos de pedagogia e licenciatura: Que imagens passamos? Formamos as identidades de quem? Identidades românticas que pouco confrontamos e formamos com as imagens quebradas da infância. Ver-nos no espelho da infância e se essa imagem se quebrou, a minha identidade está quebrada e tenho que reconstruí-la. Não adianta só tentar reconstruir a imagem da infância. Temos que reconstruir ao mesmo tempo, na mesma dialética, a nossa imagem de educadores.

Lucas: A pandemia escancarou o abismo das desigualdades brasileiras, na sua opinião quais serão os reflexos da ausência física das escolas por tanto tempo, mais de um ano? Como as crianças e jovens, principalmente os periféricos e sem acesso à tecnologia, serão atingidos?

Miguel Arroyo: *Tenho sido muito convidado para falar sobre a educação em tempos de pandemia. E eu sempre acrescento: em tempos de pandemia política, não só de pandemia virótica. O mais grave não é a pandemia virótica, mas a pandemia política que está usando essa pandemia virótica para que quanto mais pobres, desempregados, podemos acabar com bolsa família, podemos ter menos exigências de gastos. Esta é a realidade. Tem um texto muito interessante que vocês devem conhecer, de Boaventura de Sousa, “A cruel pedagogia do vírus”. Eu diria a cruelíssima pedagogia do vírus político. Eu sempre me pergunto por que Boaventura fala de pedagogia, poderia falar em política do vírus. O que ele insiste é que estamos em tempos radicalmente pedagógicos. Isto é muito importante. O que esses tempos nos revelam sobre as infâncias, adolescências, jovens oprimidos? Essa é uma pergunta fundamental. Acredito que estamos preocupados demais com o presencial, o letramento, a idade certa [...] O que temos que fazer, como nos fala Boaventura, é de ordem política e o que fechou as escolas, revelou as desigualdades sociais brutais, inclusive as desigualdades escolares. Uma das coisas que me impressiona: sempre pensamos que as desigualdades escolares produzem desigualdades sociais e econômicas, mas a pandemia nos mostrou o contrário. São as desigualdades sociais brutais, econômicas, que condicionam até desigualdades escolares. Isto é muito importante porque abala concepções de educação muito arraigadas que culpam os pobres e oprimidos por não terem racionalidade, moralidade, letramento, nem inteligência e prometem tirá-los dessa condição através de uma escola inclusiva, de uma pedagogia conscientizadora. Estamos em tempos em que dizer tudo isso é balela. Acho que temos que repensar seriamente. As desigualdades sociais, econômicas e políticas são as que produzem as desigualdades da escola a distância. O fato da escola ter estado fechada, revela a realidade das famílias que deixavam suas crianças na escola para ir trabalhar, como no caso do menino Miguel, meu xará. Com a escola fechada foi preciso levar o filho para a casa grande para cuidar dele enquanto trabalhava, mas a patroa tinha outras preocupações mais importantes para ela do que cuidar do filho. Cuidar da cachorra. O que levou a criança até o elevador e de lá para a morte. Uma realidade brutal que revela não só o racismo que ainda existe, mas mostra a vulnerabilidade dessas infâncias e até a precariedade das relações mãe e filho, que cuida do filho só quando não tem nada mais importante a fazer. Se a escola estivesse aberta, esse menino estaria vivo até hoje. A escola salva vidas! Esta foi a lição que aprendi na pandemia: a escola é mais do que “escola”. A escola salva vidas [...] Qual lugar que ocupa esse “salvar vidas” quando formamos professores, professoras da educação infantil, da educação fundamental? Nenhum. A vida não tem lugar. Olhem na Base Nacional Comum. Olhem na Base Nacional Comum da formação docente [...] Não fala do conceito de salvador de vidas. A vida não tem valor. Tem valor algumas vidas, mas as vidas populares das escolas públicas, da pobreza, das favelas, das vilas, não têm valor. Então a pandemia, como nos fala Boaventura, está sendo extremamente pedagógica. Que lições aprender? Eu destacaria o valor da vida. Demos mais importância em formar educadores e educadoras que entendem de letramento e alfabetização*

na idade certa, para aprovar ou não aprovar, orações subordinadas diretas e indiretas, do que para entender de vidas ameaçadas. Devemos trabalhar mais para saber com que infâncias e adolescências, jovens e adultos trabalhamos: ameaçados em vida.

Magali: Sinto que esses jovens e crianças têm sido sistematicamente silenciados. Quando houve o isolamento social e a suspensão abrupta das aulas, sequer se ouviu as crianças. É importante ouvi-los. Talvez assim tivéssemos mais pistas e informações sobre suas condições. O que você pensa sobre a participação da criança, sobre a oitiva? As crianças falam, se expressam, mas não encontram muitos ouvidos [...]

Miguel Arroyo: *Tentar ouvir a criança significaria renunciar à concepção que nós temos de infância. A palavra infância vem do latim infans, ántis, que não fala. Significa não falante. Então como vou escutar uma criança que já decreto não falante. É a questão da Pedagogia. Não é que a Pedagogia não queira ouvir. Não é que a professora tem que dizer toda hora para o menino calar a boca e ficar quieto, silêncio! Eu lembro quando era secretário e uma vez fui a uma escola com 1500 crianças e um grande silêncio. Perguntei à diretora se não havia aula naquele dia. Ela respondeu que fazia questão pois, para ela, o silêncio era fundamental. Porque sabia que era diretora de infans, ántis, não falantes. Eu pensei que aquilo parecia um cemitério. Mas não é a diretora que quer isso, não é a professora que não quer ouvir, não é a hora da pandemia. É que isso é inerente à própria concepção de infância que temos. Não pensante. Vocês conhecem o texto que escrevi “Descolonizar o paradigma colonizador da infância”? Diante dessa concepção de infância, não temos que nos preocupar se não as ouvimos porque não falam, nem pensam. Essa imagem foi aplicada também pelos colonizadores para os indígenas e negros escravizados. Não pensantes. O modelo colonizador dos povos originários, indígenas, depois negros, quilombolas, dos pobres, dos trabalhadores, dos periféricos, das águas, das florestas é o mesmo da infância. Ouvi-los se não são falantes [...] É uma visão colonizadora. Devemos aprender bastante com os estudos decoloniais, que nos falam bastante sobre isso. A infância tem que ser ouvida, mas para ser ouvida tem que ser reconhecida falante e pensante, sujeito social, tem que ser reconhecida como alguém capaz. No livro “Vidas Ameaçadas”, podem encontrar na página 77, uma notícia que tive que incluir. Uma publicação do jornal El País com o seguinte título: “Crianças sabem-se ameaçadas, por quem e por quê”. Eu quando vi isso pensei que não era eu, nem Walter Benjamin, que fala que sempre foram ameaçadas como regra da história. Era sabem-se [...] sabem-se ameaçadas. Há saberes da infância sobre as próprias crianças. Paulo Freire nos ajudaria muito a entender isso. Como Paulo Freire falou na Pedagogia do Oprimido, nós vamos ter que falar em pedagogias das infâncias oprimidas. Elas falam. E Paulo Freire falava: ninguém tem mais consciência da opressão, ninguém grita mais contra a opressão, ninguém resiste mais do que aqueles que Eu diria que isso pode ser aplicado também às infâncias. Ninguém tem mais consciência de ser oprimido, de ser violentado, de ser jogado no lixo das periferias, de ser jogado em escolas, que nem são mais escolas e sim amontoados de gente, do que as próprias infâncias vítimas dessa segregação.*

Lucas: Sobre essa imposição do silêncio que faz parte da realidade de muitas escolas, sabemos que crianças e jovens pertencentes a essas realidades ameaçadas, que o senhor tanto fala, possuem práticas culturais próprias, maneiras de se expressar e se mostrar para o mundo. A escola, por outro lado, ignora a produção cultural desses alunos, associa essa prática à indisciplina, discrimina e exclui do processo educativo. O Sr. acredita que é preciso mudar a função da escola para a vida dessas crianças e jovens?

Miguel Arroyo: *Eu diria que, isso que falava antes da infância, no sentido de não falante e não pensante, ser usado não só para infância, mas para todos os coletivos indígenas, negros, pobres implica um fato curioso de que todos esses coletivos infantilizados sempre resistiram. Quando foram decretados com deficiências, para roubar seus territórios, eles reagiram e foram vistos com sua capacidade de reagir. Isto é muito importante. Eu acho que a ideia de invisibilidade da infância e da invisibilidade dos oprimidos é mentira. Estão demasiado visíveis e incômodos. Qual é a postura padrão de saber desde a colonização? Condená-los não como invisíveis. Se tivesse sido isso, seria*

até bom [...] deixar invisível, mas foram condenados como resistentes a lutar por seus territórios, resistentes aos culturicídios, resistentes a acabarem com seus valores, identidades históricas e modos ancestrais. O mesmo ocorre com as infâncias. Às vezes sou convidado pelas escolas em suas semanas contra a violência e pergunto por quê. Escuto: Você sabe que essas crianças que saem das periferias destroem tudo, atacam os professores [...] Respondo: Eu não vou. Se for será para tratar do seguinte tema: Não são os violentos que chegam nas escolas, são os violentados que chegam e resistem à violência. É por aí que temos que avançar. Essa visão negativa das infâncias violentas, que a escola reproduz. O povo tem medo da infância pobre e negra, porque no fundo temos vergonha de cometer esses crimes brutais de condenar tantas infâncias à pobreza, à miséria, a vidas ameaçadas. Isso seria muito interessante mudar. Não se trata de dizer que a escola vê a infância violenta. Eu diria que a escola tem consciência de que já chegam violentados, mas como ela faz parte do poder e a maior parte dos professores não são desses violentados - alguns hoje cada vez mais, ainda bem [...] A professora que veio da negritude, foi violentada, sabe que sua mãe foi violentada, mas a maioria dos professores não tem essa visão. Essa professora não pensa que as crianças são indisciplinadas, pensa: coitadas, eu também era pobre e continuo sendo com o salário miserável que recebo como professora. Essas, por serem pobres e negras, são as únicas capazes de compreender essas infâncias não violentas, mas violentadas. É por aí que temos que avançar. Vamos ter que rever a pedagogia, as escolas até públicas, reproduzem as violências brutais dos padrões de poder sobre essas crianças. Uma das violências é a reprovação. Por isso, quando fui secretário de educação em Belo Horizonte acabei com a reprovação. “Mas, Arroyo, como não vamos reprovar. Se não reprovar não estudam. E vamos passar todo mundo, os letrados e os não letrados?” A primeira coisa que fiz: Proibido reprovar. Quem são os reprovados nas escolas? São os mesmos reprovados na sociedade: os pobres. Esta é a realidade. A escola segrega através do Ideb, através dos índices de reprovação, a partir dos índices de desumanização. Tudo isso nos faz um país prestes a ser reprovado. Somos um dos países mais segregadores com as infâncias, adolescências e juventudes pobres. Rever, rever, rever [...] A cultura escolar, a cultura da segregação e das avaliações, isso seria uma coisa fundamental. Até quando, até quando [...]

Magali: Nessa linha de abordagem sobre as violências impostas às crianças, a criminalização desses corpos ameaçados, podemos observar pacotes anticrimes, as ausências de discussões sobre porte de arma e uma liberação ampla do porte de arma, sempre retoma ao debate sobre a redução da maioridade penal. Como você vê o papel da escola nesse debate? Como a escola tem se posicionado nesse debate? Ela tem sido silenciada? Como poderia ser o posicionamento frente a essas questões?

Miguel Arroyo: Esta questão, quando o ministro da Justiça cria um pacote anticrimes é porque parte do pressuposto de que há criminosos. E quando até um governador diz que recomenda à polícia entregar um fuzil para que mirem nas cabecinhas com uma única bala para acabar com eles. O que aconteceu no Jacarezinho, quase 30 mortos, porque se parte do suposto de que os pobres são criminosos. Mas o grave não é só a justiça justiceira que criminaliza os pobres. O grave é que tenhamos instituições socioeducativas que criminalizam os pobres. Vocês sabem que aquelas casas de correção servem para internar muitas infâncias e adolescências, privadas de liberdade. Maioridade penal, para quem? Há por trás disso algo brutal [...] Entrevista na Carta Capital sobre escolas cívico-militares, com o título “Escola cívico-militar: a criminalização da infância pobre” [...] Olha onde estamos chegando! Nós pensávamos que a infância como palavra indica *infans*, ántis, que a infância tinha que ser encaminhada à Pedagogia. Como a infância doente tem que ser encaminhada ao pediatra. E ela está nos dizendo não, vocês pedagogas e pedagogos fracassaram. Vocês foram incapazes de nos humanizar. Reduzir a idade penal para entregá-los à justiça justiceira, ou às escolas cívico-militares. Estamos tão acostumados com essa visão, que nem falamos sobre isso [...] A infância sabe por que está sendo criminalizada? Vamos voltar à página 77. São crianças que enviam cartas e desenhos para a polícia, desenhando como se sabem ameaçadas e, no alto, o poder que as ameaçam. Onde? Até nas escolas, nas ruas. E, por fim, uma criança coloca: “o ruim das operações nas favelas é porque não dá para falar muito, tem violência. Eu queria ter mais respeito pelas pessoas até porque tem mais pessoas que morrem de bala perdida. Uma vez minha mãe saiu

para ver minha vó e deu tanto tiro que me escondi atrás da máquina de lavar.” É uma criança que conta isso! Olha a vivência de uma criança de oito anos [...] “Quando tem operação, muitas pessoas não ficam na rua. Por quê? Porque sabem que os policiais vão matá-los.” O que significa para uma criança de oito anos saber que ninguém pode ficar na rua na sua favela porque tem medo de ser morto [...] Que imagem da morte, que imagem da vida tem essa criança de oito anos? E olha o que termina colocando essa criança: “Também pensam que nós somos bandidos.” A criança já tem consciência do “nós”. Tem consciência de ser membro de um coletivo criminalizado. Pela criança criminalizada, ela é apenas membro de um coletivo criminalizado. NÓS - NÓS. E sabem por que são criminalizados. Porque são vistos como bandidos. Isto é terrível [...] Quão lúcidas são essas crianças com seis, sete, oito, nove anos, primeiro por se saberem ameaçadas; quem as ameaça, o poder; que em todo lugar há essa ameaça; de que fazem parte de um coletivo ameaçado. E que esse coletivo ameaçado é ameaçado porque é considerado bandido, criminoso. Esta é a ideia de ser criminalizado. Como avançar? Como prepará-los? A capa do livro representa uma mulher negra com olhos de peixe, olhando para o filho que carrega nos braços como que dizendo: meu filho, enquanto estiver viva, vou te proteger [...] com quem aprender a proteger infâncias ameaçadas? Isto me parece muito importante! Nas páginas 152 e 155, eu coloco algo que também chamou minha atenção nesse jornal, em outra reportagem: “Mães órfãs de filhos que o Estado levou”. São elas que resistem, que denunciam com sua dor, a brutalidade das criminalizações que padecem. Na contracapa fiz questão de colocar: uma mulher negra com um cartaz carregado de fotografias de filhos mortos. Mulheres negras na luta contra o genocídio. Enquanto viver luto. É o grito dessas mulheres. Luto de luta. Luto de luto pela morte de seus filhos. Acho muito difícil a situação dos cursos de Pedagogia hoje, mas se é para contar anedotas e falar da Base Nacional Comum - que não tem nada de base, nem de nacional, nem de comum-, fechemos. Aliás deveríamos fechar o MEC com o que disse o ministro da Educação há poucos dias: “Universidade é para poucos”. Mas falou algo muito terrível, quando falava sobre as infâncias: “não sou a favor de misturar infâncias normais com infâncias com problemas.” Ele falou isso! Vínhamos lutando tanto por uma educação inclusiva [...] O próprio ministro, um teólogo, não sei onde ele aprendeu isso [...] até onde estamos chegando [...] E quais são essas infâncias, que não são normais? São as infâncias, pobres, criminalizadas, violentas, negras [...] mande-as para a rua, entrega para a polícia, para a justiça penal, às escolas cívico-militares. Estamos em tempos de nos interrogar por todas essas grandes questões que sigam dessas infâncias ameaçadas e criminalizadas.

Magali: Outro texto seu, que gosto muito: “A infância Interroga a Pedagogia”, novos sujeitos, novas pedagogias... Nós da universidade podemos fazer o que para mudar esse quadro, instrumentalizar melhor os professores e apoiá-los na luta por essas vidas ameaçadas?

Miguel Arroyo: *Primeiro reconhecer. Ter consciência de com que infâncias trabalha. Há muito mais consciência, relação estreita entre Pedagogia e infância do que nos cursos de licenciatura. O acolhimento das crianças se aprende mais com a maternidade do que nos cursos de pedagogia. No momento em que chegam à escola outras educadoras, sobretudo nas escolas de educação infantil, a escola vira outra. Isto é muito importante. Diria que teríamos que tomar consciência de que candidatos chegam para ser educados e formados nas instituições de formação, nos cursos de pedagogia e nas licenciaturas. Quem são essas outras educadoras [...] No livro “Ofício de Mestre”, escrevi porque percebi a pergunta: eu vim para ser uma coisa e tive que ser outra, não sei mais quem sou, qual meu ofício? Achei a palavra ofício muito interessante, porque vai além da docência. Entendi que a real pergunta era: temos que redefinir nosso ofício porque as infâncias são outras. Imagens quebradas [...] em “Humana Docência”, inspirado em Meireles, reconhecemos que trabalhamos com desumanizados ou deixa de ser docência. Depois aprendi muito mais sobre tudo isso com Paulo Freire. Vocês devem conhecer meu texto, “Paulo Freire: um outro paradigma pedagógico”. Paulo Freire aprende com os oprimidos. Paulo Freire não inventa pedagogias para os oprimidos. A pedagogia de Paulo Freire não existe. Paulo Freire fala da pedagogia do oprimido, não para o oprimido. Conscientizar, não é moralizar os oprimidos, nem ilustrar os oprimidos, é aprender com os oprimidos porque os oprimidos são sujeitos de cultura, de verdades, de resistências humanizadoras.*

Lucas: Sobre o reconhecimento da infância que passa pela formação humana para a vida, o

desenvolvimento de questões que envolvem a humanidade, que deveria enfrentar o abismo social que vem do capitalismo. Na sua opinião, qual o significado da infância para a humanidade?

Miguel Arroyo: *Paulo Freire nos diz, educador, educadora, humana docência, sejamos humanos, por favor. A grande função da pedagogia é acompanhar processos de humanização. Esta é a grande lição de Paulo Freire e isso vem desde a Paideia. Sócrates queria que as infâncias fossem preparadas para serem membros da Pólis, mas não só preparada para o letramento, era para aprender os valores da Pólis, aprender o projeto político pedagógico da Pólis, o projeto humanizador da Pólis. No fundo, era isso, a pedagogia nasce humanista e quando ela se esquece do humano, ela se esquece dela mesma. E se alguém nos ajuda a entender isso, é o próprio Paulo Freire. Eu diria que a infância remete não só aos processos que a pedagogia sempre valorizou, os processos de humanizar. Falamos muito que acompanhamos os processos e percursos escolares. Isso é muito pouco. É mais radical acompanhar os processos de humanização. E essa é nossa função, mas também aprender com as infâncias, adolescências e jovens oprimidos da latinoamérica. Aprender o que Paulo Freire aprendeu: que as desumanizações existem. Paulo Freire não foi um humanista que retoma os processos de humanização e nos diz que nosso ofício é humanizar. Paulo Freire fala muito mais dos processos de desumanização que a pedagogia esqueceu, que as teorias de desenvolvimento humano proximal e não proximal esqueceram. Paulo nos diz: por favor, não esqueçamos que as desumanizações existem como regra na história. É isso que ele fala. Meu próximo livro que vai se chamar “Desumanização e humanização em Paulo Freire” explica onde Paulo Freire aprendeu essa dialética da desumanização e da humanização e ele aprendeu exatamente com os oprimidos. E nós educadores, teorias do desenvolvimento humano precisamos recuperar a dimensão humana que é própria de toda Pedagogia. Já que estamos no seu centenário, Paulo nos coloca: “os homens, na dramaticidade da hora atual, se perguntam a si mesmos como problema”. Isso sempre me chocou. Paulo vê que os seres humanos se fazem problema a si mesmos, como humanos. Isso é muito importante. Eu diria que essas crianças, como está no livro “Vidas Ameaçadas”, se sabem ameaçadas e se dizem ameaçadas são as que mais gritam. As mães dessas crianças, no fim, se perguntam quem sou eu como ser humano. Essa pergunta não é colocada só por elas. É colocada pelas próprias crianças, porque somos ameaçados [...] O problema central é a desumanização, segundo Paulo Freire. Aplicar as análises tão radicais que Paulo faz sobre o que os homens se perguntam a si mesmos quem são como humanos. Veja o que Paulo continua dizendo com muita lucidez: “Constatar essa preocupação implica reconhecer a desumanização como realidade histórica.” Paulo Freire quando vê que os homens se perguntam por si mesmos, não diz se perguntam por sua humanização, mas eles se perguntam pela desumanização. Para Paulo Freire, toda pergunta sobre quem sou como humano obriga os oprimidos a perguntar-se, mas por que sou desumanizado? Esta me parece ser a grande pergunta. Será que nos cursos de Pedagogia se fala sobre a desumanização? Será que as teorias de desenvolvimento humano falam, por acaso, da desumanização? Não falam [...] A grande lição de Paulo Freire é dizer que a desumanização existe como realidade. Mas ele não para aí [...] A dialética de Paulo é justamente não esquecer da desumanização. Ele aprende com os desumanizados que “talvez só a partir de nossa constatação que os homens, as mulheres, as crianças, os adolescentes, os jovens tão desumanizados como regra da história saberão sobre a outra viabilidade, a de sua humanização.” A dialética não é pedagogia humanista, mas entender o processo de viver desumanizações, que instiga a se perguntar sobre a outra viabilidade, a da humanização, essa é a dialética de Paulo. Toda luta pela humanização dos oprimidos parte de uma vivência brutal histórica da desumanização. Não há como falar de humanização sem falar e entender a desumanização. Eu convivi e aprendi muito com Paulo e continuo aprendendo.*

Mensagem de encerramento às vidas ameaçadas e aos professores dessas vidas ameaçadas

Eu diria, primeiro, aprendamos com as mulheres mães. Eu acho muito bom que 90% das pessoas que cuidam das infâncias em vidas ameaçadas nas escolas públicas sejam mulheres. E cada

vez mais de origem popular. Acho isso maravilhoso porque só as mães são capazes de entender o que é ter um filho com vidas ameaçadas. Só elas, as que gritam enquanto viverem, que vão lutar. Pobres, negras. Há muita humanidade nas escolas públicas dos pobres. Há muita humanidade nas educadoras e nas mães que levam seus filhos às escolas. É preciso valorizar tudo isso, principalmente a educação infantil. Vidas ameaçadas exigem respostas éticas da educação e da docência. Porque falamos tão pouco sobre a justiça nas formações [...] Como formar educadores capazes de cuidar de infâncias injustiçadas? A criminalização é a grande injustiça que se faz contra os pobres. Condenados à pobreza, à miséria, ao desemprego, à fome e ainda injustiçados e criminalizados. Coloquemos mais centralidade na justiça, mas também na ética. Injusto drama negro, falo lá na página 242. “Parem de nos matar porque somos negros.” Fortalecer as lutas por justiça social, essa é a nossa função. E eu termino: “o direito à vida humana justa, dever de justiça. A radicalidade de vincular justiça social e educação. A radicalidade ética de lutar contra as vidas ameaçadas.” Lutar pela vida. Não há direito mais primeiro do que a vida. Não há uma postura ética, mais ética e mais pedagógica do que salvar vidas ameaçadas. **Miguel Arroyo, 16/08/2021.**